

## Profissionalização de Mulheres Cientistas: pioneiras em Paleontologia no Rio de Janeiro, Brasil

Diogo Jorge de Melo

Rita de Cassia Tardin Cassab

### Resumo

*Este trabalho destaca aspectos da inserção profissional feminina na Paleontologia na cidade do Rio de Janeiro, onde se desenvolveram diversas instituições de cunho paleontológico e onde foi fundada a Sociedade Brasileira de Paleontologia, em 1958. A inserção destas mulheres iniciou-se na segunda metade do século XX, quando um número maior delas conseguiu adentrar e concluir seus cursos superiores. Dentre as instituições mais relevantes neste processo histórico, destacamos a Faculdade Nacional de Filosofia, onde as pioneiras se formaram no curso de História Natural, e o Departamento Nacional da Produção Mineral, onde muitas atuaram.*

**Palavras-chave:** História da Ciência, Paleontologia, Mulheres, Gênero, Geociências

### Abstract

*This work highlights aspects of female professional insertion in Paleontology in the city of Rio de Janeiro, where several paleontological institutions were developed and where the Sociedade Brasileira de Paleontologia was founded in 1958. The insertion of these women began in the second half of the 20th century, when a greater number of them managed to enter and complete their higher education courses. Among the most relevant institutions in this historical process, we highlight the Faculdade Nacional de Filosofia, where the pioneers graduated in the course of Natural History, and the Departamento Nacional da Produção Mineral, where many worked.*

**Keywords:** History of Science, Paleontology, Women, Gender, Geosciences

### INTRODUÇÃO

Este trabalho traça considerações sobre as primeiras mulheres que atuaram com Paleontologia na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil), local onde surgiram os primeiros núcleos consolidados de pesquisa nessa área. Conseqüentemente, este trabalho aborda um panorama de algumas instituições, que ganham um destaque central neste tipo de atividade de pesquisa, que são: o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, que depois deu origem ao Departamento Nacional da Produção Mineral, a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), o Museu Nacional (antigo Museu Real e Imperial), que mais tarde passou a fazer parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e o Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, principalmente por abrigar o Programa de Pós-Graduação em Geologia, com uma linha de pesquisa em “Paleontologia e Estratigrafia”. Esta última instituição foi a principal instituição formadora das paleontólogas aqui estudadas, onde a maioria delas realizou seus cursos de mestrado e doutorado.

Com o intuito inicial de realizar um contexto histórico da inserção das mulheres na Paleontologia, utilizamos como parâmetro contextual de análise as atas de criação da Sociedade Brasileira de Paleontologia, criada em 07 de março de 1958. A partir deste documento podemos ter uma ideia de como estava esse segmento de profissionalização, na primeira década da segunda metade do século XX. Lembrando, que neste período a Paleontologia ainda era uma área acadêmico-científica que recentemente vinha se estabelecendo no território nacional, por ainda estarem se consolidando as principais instituições ou núcleos de pesquisa desta área.<sup>1</sup>

No entanto, devemos evidenciar, que os primeiros estudos paleontológicos no Brasil remetem ao período imperial, momento que se caracterizou pela atuação de pesquisadores estrangeiros pontuais e posteriormente, temos a estruturação e atuação da Comissão Geológica do Império (1875-1878), que foi a primeira instituição pública do país com carácter geológico, já que possuía a finalidade de promover o conhecimento sobre o solo brasileiro para fins de ocupação e exploração e assim acabou por realizar diversas coletas e pesquisas sobre fósseis.<sup>2</sup>

O Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil foi criado em 1907, impulsionado pelo sucesso da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brasil. Essa comissão foi a instituição precursora que motivou a criação do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, considerado um marco para a Paleontologia brasileira, por consolidar uma produção científica realizada majoritariamente por brasileiros, o que não ocorria até então. A função e a ideologia de atuação do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil eram similares à da Comissão Geológica do Império, realizando pesquisas para o aproveitamento dos recursos naturais e dentre suas funções encontravam-se a manutenção de um laboratório de análises químicas e paleontológicas, além de um museu<sup>3</sup>. Com relação a esta proposta de museu, lembramos que o termo na época de criação do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil era sinônimo de exposição, se tratando de um conjunto de vitrines com espécimes geológicos.<sup>4</sup>

Desta primeira geração de paleontólogos, estrangeiros e brasileiros, podemos destacar uma representação majoritária de homens, a não ser por uma única exceção, de uma paleontóloga estrangeira, Carlotta Joaquina Maury (1874-1938). Paleontóloga que mesmo sem nunca ter pisado no país recebeu nas primeiras décadas do século XX diversos materiais paleontológicos enviados pelo Serviço Geológico e

---

<sup>1</sup> Porto Alegre. "Sociedade Brasileira de Paleontologia 50 anos: uma homenagem aos seus fundadores." *Paleontologia em Destaque* 24 (2009):1-112.

Cassab, R. de C. T. "Histórico das Pesquisas Paleontológicas no Brasil." In *Paleontologia: conceitos e métodos*, Carvalho, I. S. (Ed.), 13-18. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2010.

<sup>2</sup> Freitas, M. V. *Hartt: expedições pelo Brasil Imperial: 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001. Cassab.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Melo, D. J. "Origem do Museu de Ciências da Terra do Departamento Nacional da Produção Mineral – RJ." In *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, s.p. São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2012.

Mineralógico do Brasil. Coleções que lhe permitiu identificar e descrever inúmeras espécies fósseis e realizar diversas datações geológicas, em sua grande maioria válidas até os dias atuais.<sup>5</sup>

Retornando à segunda metade do século XX, quando a Sociedade Brasileira de Paleontologia foi fundada no Salão Nobre do Departamento Nacional da Produção Mineral, sabemos por meio das atas de criação, que esse evento congregou presencialmente 17 membros fundadores e outros 22, que se manifestaram por correspondência<sup>6</sup>. Do percentual dos membros presentes, mais de um quarto foi representado por mulheres, sendo elas: Diana Mussa (1932-2007), Lélia Duarte da Silva Santos (1933-2013), Maria Eugênia de Carvalho Marchesini Santos (1932-), Maria Martha Barbosa (1931-) e Nicéa Magessi Trindade (1928-2019). Dentre os membros fundadores que se manifestaram por correspondência, encontravam-se mais três mulheres: Ieti Ungaretti, Sônia Bender Kotzian e Yvonne T. Sanguinetti<sup>7</sup>, pesquisadoras que atuavam nesta ocasião na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Com base nos dados descritos, podemos quantificar a representatividade de mulheres, que se constituíam em 20,5% entre os membros fundadores. Uma porcentagem que consideramos relativamente significativa se entendermos que no Brasil ainda era pequeno o número de paleontólogos e de mulheres que ingressavam no ensino superior. Dado que conseqüentemente nos aponta para compreensão de que a Paleontologia foi um local de atuação profissional viável à inserção feminina em meados do século XX, sendo ela uma área científica especializada e que no geral exigia nível superior.

Sabemos que um elemento marcante, que transformou a realidade das mulheres poderem realizar cursos superiores no Brasil, se deu com a criação dos cursos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, fundada em 1934 e da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, fundada em 1939. Instituições que valorizaram uma formação voltada para o magistério e ao priorizar tal formação no nível superior, muitas mulheres puderam se aventuraram em realizar carreiras correlatas às suas formações no magistério, como o caso dos cursos de História Natural.<sup>8</sup>

Lembrando que nesta época já era comum a presença de mulheres professoras nos outros segmentos do ensino, que hoje denominamos de ensino infantil, fundamental e médio. Sabemos que a principal causa de as profissões ligadas ao magistério terem se tornado majoritariamente femininas, ocorreu pela perda de interesse masculino nesse tipo de carreira, que historicamente foi perdendo prestígio, principalmente com relação a desvalorização salarial. Assim podemos compreender um pouco

---

<sup>5</sup> Melo, D. J. de, Cassab, R. de C. T. "Carlotta Joaquina Maury (1874-1938) e suas contribuições para a paleontologia brasileira." *Paleontologia em Destaque* 1 volume especial (2014) II Simpósio de Paleontologia de Invertebrados: 70-77.

<sup>6</sup> Porto Alegre.

<sup>7</sup> Os nomes das mulheres, paleontólogas, utilizados neste trabalho são normalmente os seus nomes mais recentes, lembrando que muitas alteraram seus sobrenomes devido aos seus casamentos.

<sup>8</sup> Carvalho, I. de S. "Paleontologia: 50 Anos de Ensino e Pesquisa no Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro." *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ* 30 1 (2007): 30-37.

como ocorreu a inserção feminina no ensino superior. Sabemos que houve um grande interesse feminino pelos cursos superiores das Faculdades de Filosofia e que a entrada delas nesses cursos possibilitou o ingresso destas mulheres no universo acadêmico e de pesquisas (Figura 1 e 2), mesmo sendo a intenção primeira desses cursos formar professores.<sup>9</sup>

No caso da Paleontologia, podemos observar que a primeira geração de mulheres identificadas estava diretamente ligada ao curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia e que elas conseguiram driblar a predestinação da época, de serem professoras, por conseguirem adentrar em instituições com outros fins, no caso, com pesquisas em Geologia e Paleontologia.

Neste contexto, cabe destacar um fator histórico que foi crucial para inserção feminina na Ciência brasileira, foi a criação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Criado em 1951, esta instituição tem como função a promoção e fomento da pesquisa nacional. Logo, se consolidou como uma instituição de fomento científico, que através de bolsas permitiu que muitas mulheres pudessem investir em suas carreiras fora do magistério. Sabemos que estas bolsas auxiliaram muitas mulheres, por fazerem elas conseguirem se inserir no mercado profissional, pois necessitavam estabelecer vínculos profissionais com as instituições de pesquisa, já que não conseguiam ser contratadas de imediato, após o término dos seus cursos superiores. As bolsas as mantinham vinculadas às instituições até aparecerem oportunidades futuras de efetivação.

Lembramos que em meados do século XX, assim como nos séculos antecedentes, a mulher apesar de já ter conquistado diversos direitos sociais, inclusive o sufrágio, ainda estavam destinadas em sua grande maioria ao mundo doméstico familiar, devendo ser boas esposas, mães e donas de casa<sup>10</sup>. Também devemos evidenciar que historicamente estamos falando de um grupo específico de mulheres, socialmente reconhecidas como brancas e de classe média ou alta.

---

<sup>9</sup> Albuquerque, V. M. dos S. "A história do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq: um retrato da pouca expressão feminina na política de Ciência & Tecnologia nacional." In *III Jornada Internacional de Políticas Públicas*, s,p. São Luís: s,ed., 2007.

Fávero, M. de L. de A., Peixoto, M. do C. de L. & Silva, A. E. G. "Professores estrangeiros na Faculdade Nacional de Filosofia, RJ (1939-1951)." *Caderno de Pesquisa* 78 (1991): 59-71.

Schwartzman, S. *Um espaço para a Ciência: a formação da comunidade científica no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 2015.

<sup>10</sup> Perrot, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

Scott, A. S. "O caleidoscópio dos arranjos familiares." In *Nova história das mulheres no Brasil* Pinsky, C. B., Pedro, J. M. (Org.), 15-42). São Paulo: Ed. Contexto, 2012.



Figura 1: Atividade de campo do curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia, realizada em 1953. Nota-se a presença majoritária de mulheres que compõem esse o grupo. Fonte: Imagem retirada do trabalho de Carvalho.<sup>11</sup>



Figura 2: Alunos do curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia, em 1953. Ocasão de trabalho de campo na Bacia de São José de Itaboraí. Da esquerda para a direita: Maria Antonieta Rodrigues (Tutuca), Dirce Lacombe, Maria Eugênia de Carvalho Marchesini Santos e Maria Martha Barbosa. Fonte: Imagem retirada do trabalho de Carvalho.<sup>12</sup>

Esclarecendo este contexto histórico, reconhecemos que existiu um pioneirismo em todos as mulheres aqui apresentadas, no sentido do desbravamento profissional das mesmas em uma carreira especializada que se abriu mais plenamente para atuação feminina a partir de meados da segunda metade do século XX.

Devemos deixar claro que apesar de estarmos enfatizando algumas instituições neste trabalho, existiram outras ao longo da história, inclusive no Rio de Janeiro, que sabemos que paleontólogas atuaram, como na Petrobrás e o Instituto de Pesquisa da Marinha, só que não nos ateremos a elas e sim

<sup>11</sup> Ibid., *Paleontologia: 50 Anos de Ensino e Pesquisa no Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro*.

<sup>12</sup> Ibid.

as instituições que consideramos mais centrais para esta área científica. Já que o nosso objetivo é traçar um panorama a partir das instituições apontadas e mostrar o perfil acadêmico dessas mulheres que atuaram com Paleontologia, nas principais instituições de cunho paleontológico no Rio de Janeiro, visibilizando a atuação das mesmas na historiografia da Ciência. Inclusive desvelando possibilidades de pesquisas posteriores, que busquem maiores detalhes e especificidades das histórias destas mulheres.

### MULHERES E A PALEONTOLOGIA NO RIO DE JANEIRO

Em meados do século XX alguns núcleos de pesquisas paleontológicas já se encontravam consolidados no Rio de Janeiro. Consideramos como o núcleo mais antigo, o Museu Nacional, pois herdou os materiais coletados durante a Comissão Geológica do Império, inclusive alguns fósseis do Gabinete de Curiosidades do Imperador. Esta instituição possui uma Divisão de Geologia e Paleontologia, que se estabeleceu ainda no século XIX, constituindo-se a partir da denominada 3ª Seção do Museu Imperial, inicialmente dirigida por Orville Adelbert Derby (1851-1915), entre 1879 e 1890.<sup>13</sup>

A criação do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil em 1907 foi impulsionada pelo sucesso da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brasil. Logo se tornou um forte núcleo de pesquisa, desenvolvendo atividades com forte relevância na área paleontológica. Seu primeiro diretor foi Orville Adelbert Derby, que ficou à frente da instituição até o ano de sua morte, em 1915. Esta instituição se constituiu como o marco primordial das pesquisas sobre a Geologia e Paleontologia do Brasil, formando a primeira geração de pesquisadores brasileiros. Antes dela, apenas podemos caracterizar a existência de um pequeno núcleo de atividades paleontológicas no Museu Nacional, que como mencionado herdou as coleções da Comissão Geológica do Império<sup>14</sup>. Inclusive Orville Adelbert Derby foi um dos responsáveis pela manutenção deste acervo na instituição.<sup>15</sup>

Em 1934, o Serviço Geológico de Mineralógico do Brasil sofreu com uma série de reorganizações administrativas, como a criação do Departamento Nacional da Produção Mineral, órgão que o absorveu e deu continuidade às atividades já realizadas. Instituição que assim como Museu Nacional, desenvolveu uma ampla coleção paleontológica, sendo considerada uma das mais importantes do país. O

---

<sup>13</sup> Macedo, A. C. M., Fernandes, A. C. S., Gallo-da-Silva, V. "Fósseis coletados na Amazônia pela "Comissão Geológica do Império do Brasil" (1875-1877): um século de História." *Boletim do Museu Nacional, Geologia* 47 (1999): 1999.

Dantas, R. M. M. C. "A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional." Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Memória Social, 2007.

Fernandes, A. C. S., Fonseca, V. M. M. "Personagens fundadores da pesquisa de paleoinvertebrados do Paleozóico marinho no Brasil." *Monografias da Sociedade Brasileira de Paleontologia* 3 (2014): 23-38.

<sup>14</sup> Cassab.

<sup>15</sup> Freitas.

Departamento Nacional da Produção Mineral sempre manteve a ideia de um museu, ou melhor, um espaço para exibição de fósseis. Devemos lembrar, que o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, alguns anos depois de absorvido, mais precisamente em 1940, passou a ser chamado de Divisão de Geologia e Mineralogia. Outro fato importante, que apesar da ideia de um museu ter estado sempre presente na instituição, foi somente em 1992 que ocorreu a criação do Museu de Ciências da Terra<sup>16</sup>, oficializando determinadas práticas na instituição, já que o seu objetivo além de abrigar passa a ser o de divulgar as coleções ali existentes.<sup>17</sup>

Em 1969, foi criada a Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais, em virtude disto, em 1970 o Departamento Nacional da Produção Mineral foi desmembrado e parte dele passou a pertencer a ela. Instituição que hoje se denomina de Serviço Geológico do Brasil. Fato que acreditamos ser um reconhecimento identitário com relação às instituições que a antecederam e dos seus legados e funções. Por muitos anos o Departamento Nacional da Produção Mineral da Urca no Rio de Janeiro conviveu com a Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais, que após esta transformação administrativa passou a ser proprietária do espaço.<sup>18</sup>

Neste contexto histórico da Paleontologia do Rio de Janeiro, pensando nos núcleos que atuaram com pesquisas sobre fósseis, não podemos deixar de lado as instituições universitárias das quais se destacam: a Faculdade Nacional de Filosofia, criada na primeira metade do século XX, assim como, posteriormente, o Instituto de Geociências e o próprio Museu Nacional, ambos ligados à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cabe destacar a relevância desta universidade pelo estabelecimento de programas de pós-graduação com linhas de pesquisa em Estratigrafia e Paleontologia, no Departamento de Geologia do Instituto de Geociências. Devemos lembrar também que no Museu Nacional existem programas de pós-graduação que são responsáveis por diversas pesquisas paleontológicas, como os de Zoologia e Botânica e bem mais recentemente o Programa de Pós-Graduação em Geociências, Patrimônio Geopaleontológico.

Também temos que evidenciar as formações dos cursos superiores de Geologia, no entanto estes quantitativamente foram menos frequentados por mulheres, sendo minoria as paleontólogas que tiveram esse tipo de formação. Destes cursos devemos destacar a Campanha de Formação de Geólogos do Ministério de Educação e Cultura, mais conhecida por sua sigla CAGE, que no fim da década de 1950 criou os primeiros cursos de Geologia do país, respondendo uma demanda direta em decorrência da criação da Petrobrás. O curso do Rio de Janeiro foi o quinto a ser criado, no ano de 1958, e primordialmente foi instalado na sede do Departamento Nacional da Produção Mineral. Anteriormente a

---

<sup>16</sup> Atualmente este museu se encontra aos cuidados da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais.

<sup>17</sup> Melo, *Origem do Museu de Ciências da Terra do Departamento Nacional da Produção Mineral – RJ*.

<sup>18</sup> *Ibid.*

estes cursos de graduação, a formação mais similar era a de Engenheiro de Minas da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto em Minas Gerais. Devemos lembrar que foi em 1965 que o curso de Geologia do CAGE do Rio de Janeiro passou a integrar a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (nome que foi atribuído em 1967), como Escola Nacional de Geologia e depois como Instituto de Geociências.<sup>19 20</sup>

Adentrando no universo das mulheres paleontólogas no Brasil, podemos dizer que a atuação de Carlotta Joaquina Maury (1874-1938) foi demasiadamente singular, e que esta pesquisadora não representou a realidade das mulheres do seu tempo, sendo ela uma exceção. Era uma representante de um processo histórico que já vinha se consolidando nos Estados Unidos e Europa, que foi uma melhor aceitação e ampliação do quadro de mulheres nas universidades, inclusive nos cursos de pós-graduação<sup>21</sup>. Depois de Carlotta Joaquina Maury, só conseguimos mapear a atuação das mulheres na Paleontologia brasileira após a criação do Departamento Nacional da Produção Mineral, o que significa que houve uma ausência feminina até mais ou menos a segunda metade do século XX, quando a primeira geração de profissionais nesta área começou a atuar.

No entanto, antes de adentrar nas profissionais brasileiras da Paleontologia, principalmente as do Rio de Janeiro, devemos destacar um pouco como se processou a carreira de Carlotta Joaquina Maury em relação as suas pesquisas sobre a Paleontologia brasileira, que ocorreu junto ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. Já que sabemos que ela nunca esteve no país, devemos frisar que ela publicou diversos trabalhos científicos sobre a Paleontologia brasileira, sendo suas pesquisas o resultado de uma parceria acordada com o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, que enviava lotes de material rochoso com fósseis para que ela e outros paleontólogos estudassem. Temos conhecimento da publicação de pelo menos 12 trabalhos sobre a Paleontologia do Brasil feitos por ela, dos quais destacamos os três que consideramos de maior relevância: “*Fósseis Terciários do Brasil com novas formas cretáceas*” de 1924, “*O Cretáceo da Parahyba do Norte*” de 1930 e o “*Cretáceo de Sergipe*” de 1936. Em suas pesquisas encontramos diversas descrições de invertebrados marinhos fósseis, dentre outros organismos, e diversas datações geológicas, muitas válidas até os dias atuais. Devemos frisar que esta paleontóloga produziu pesquisas sobre o Brasil até os seus últimos dias de vida, mesmo estando

---

<sup>19</sup> Carvalho.

<sup>20</sup> Barroso, E. V.; Barroso, J. A.; Horta, A. E. D. G. “O curso de Geologia do Rio de Janeiro completa 50 anos.” *Boletim de geociências da Petrobrás* 16 2 (2008): 269-289.

<sup>21</sup> Arnold, L. B. “The education and career of Carlotta J. Maury: part 1.” *Earth Sciences History* 28 2 (2009): 219-244.

Arnold, L. B.. “The education and career of Carlotta J. Maury: part 2.” *Earth Sciences History* 29 1 (2010): 52-68.

Melo & Cassab.



muito doente, pois faleceu em decorrência de um câncer. Tal foi a significância de suas pesquisas para o país que ela foi reconhecida como membro da Academia Brasileira de Ciências.<sup>22</sup>

Devemos também lembrar que esta profissional estadunidense foi uma das primeiras mulheres a atuar com Paleontologia no mundo<sup>23</sup>, se formou na Universidade de Cornell onde se especializou em Geologia/Paleontologia e realizou seu doutorado intitulado “*The Marine Oligocens of the United States*”<sup>24</sup>. Devemos destacar que ela se enquadrava como sendo pertencente a uma outra geração de profissionais mulheres na Paleontologia, se comparada as profissionais brasileiras do Rio de Janeiro, que aqui apresentaremos. Segundo Melo<sup>25</sup> além da cronologia e a geografia, existe uma demarcação social desta paleontóloga que a distingue das pioneiras aqui apresentadas, pois Carlotta Joaquina Maury pertencia a uma geração de cientistas em que suas famílias eram no geral pertencentes a uma elite social ou que tinham tradição em Ciência. Fato que as possibilitavam quebrar as barreiras de gênero em seu tempo. No Brasil existiram algumas pesquisadoras que podemos considerar contemporâneas a ela, como o caso de Emília Snethlage (alemã), Heloisa Alberto Torres e Bertha Lutz. No entanto, desconhecemos a existência que alguma mulher dessa geração tenha atuado com pesquisas paleontológicas no Brasil. Acho que podemos também considerar com um pouco de proximidade a sua realidade a americana Elizabeth Agassiz (1822-1907)<sup>26</sup>, que inclusive foi sua professora/instrutora na *Harvard Annex*<sup>27</sup>. Ela esteve no Brasil entre 1855-1866 durante a Expedição Thayer, que foi organizada por seu marido Louis Agassiz. Inclusive atualmente trabalhos vem revendo a sua participação nesta expedição e demonstrando o quanto foi ativa na produção de conhecimentos da mesma<sup>28</sup>. Diferentemente, as pesquisadoras brasileiras aqui apresentadas são de uma geração de mulheres de classe média, pois seus pais eram no geral professores, militares e funcionários públicos, com pouco ou nenhum contato com as atividades científicas e acadêmicas<sup>29</sup>.

---

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> Helder, E. S. “Women in early geology.” *Journal of Geological Education*. 30 (1982): 287-293.

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> Melo, D. J. “História das Mulheres na Ciência: narrativas de paleontólogas (1950-2010) do Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro.” Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2020.

<sup>26</sup> Arnold, *The education and career of Carlotta J. Maury: part 1*.

Arnold, *The education and career of Carlotta J. Maury: part 2*.

<sup>27</sup> Programa privado de instrução de mulheres da *Harvard University do Radcliffe College*, fundado em 1879. No período de Carlotta Joaquina Maury tal instituição ainda estava brigando pelo reconhecimento formal do grau universitário para mulheres. Por este fato que ela se transferiu para *Cornell University*, onde esta conquista já tinha sido almejada.

<sup>28</sup> Lima, P., Soares, A. A. “Olhares sobre as mulheres amazônicas segundo Elizabeth Agassiz em viagem ao Brasil (1865-1866).” *Somanlu* 13 1 (2013): 27-34.

<sup>29</sup> Melo, *História das Mulheres na Ciência: narrativas de paleontólogas (1950-2010) do Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro*.

## PIONEIRAS NO DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL E COMPANHIA DE PESQUISA E RECURSOS MINERAIS

Como mencionado, no Brasil a efetividade das mulheres na Ciência só se intensificou a partir do final da década de 1930, com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro. Foi só a partir da década de 1950 que conseguimos mapear algumas mulheres atuando na Paleontologia no Rio de Janeiro, estando elas vinculadas em sua maioria ao Departamento Nacional da Produção Mineral e sendo oriundas do curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia.

O Departamento Nacional da Produção Mineral, fundado em 1934, foi a instituição que substituiu e herdou o legado do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, principalmente a parte referente a Divisão de Geologia e Mineralogia. Esta instituição desenvolveu uma sólida coleção paleontológica, fruto de inúmeras pesquisas e prospecções, realizadas por conhecidos nomes da História da Paleontologia. Uma história predominada por figuras masculinas, com nomes como: Orville Adelbert Derby; Luiz Felipe Gonzaga de Campos; Euzébio Paulo de Oliveira; Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo; Llewellyn Ivor Price; Aristomenes Guimarães Duarte; Luciano Jacques de Moraes; Paulo Erichsen de Oliveira; Friedrich Wilhelm Sommer; Elias Dolianiti; e Rubens da Silva Santos.<sup>30</sup>

Desta forma os pesquisadores do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil e posteriormente do Departamento Nacional da Produção Mineral se dedicaram a pesquisas com microfósseis e macrofósseis, entre elas, a com invertebrados, peixes e tetrápodes, sendo poucos os estudos com mamíferos fósseis. A vocação de pesquisa da instituição se espelhava no modelo dos serviços geológicos norte-americanos (*geological surveys*), objetivando questões mais aplicáveis no sentido do conhecimento geológico do país e no desenvolvimento de cartas e resoluções estratigráficas. No entanto, não podemos deixar de lado que a grande vocação em pesquisas se aportava em estudos de sistemática, com base nos exemplares presentes nos acervos da instituição, com intuito a auxiliar na Estratigráfica e a confecção de mapas geológicos.

Dentre as mulheres que atuaram no Departamento Nacional da Produção Mineral destacamos como sendo as primeiras da instituição, Nicéa Maggessi Trindade, Norma Maria da Costa Cruz, Lélia Duarte da Silva Santos, Maria Eugênia de Carvalho Marchesini Santos e Diana Mussa. Todas formadas no curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia. Equivalente a essa geração, temos Maria Martha Barbosa, que desenvolveu sua carreira no Museu Nacional. As mulheres que iniciaram suas vidas profissionais no Departamento Nacional da Produção Mineral, começaram a atuar através de contratos e estágios, com bolsas de pesquisa, normalmente financiadas pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

---

<sup>30</sup> Ramos, J. R. A. "Os paleontólogos brasileiros." *Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ* 10 (1986): 126-140.

Destas mulheres destacamos Nicéa Magessi Trindade, que reconhecemos como sendo a primeira a atuar na instituição. Em decorrência deste fato destacamos um pouco da sua trajetória acadêmica. Como dito, além de ter estudado na Faculdade Nacional de Filosofia, sabemos que se tornou professora desta instituição, sendo auxiliar do professor Júlio Magalhães, responsável pela cadeira de Paleontologia no curso de Ciências Naturais<sup>31</sup>. Apesar de não termos muitos detalhes sobre sua atuação nesta instituição, Maria Eugênia de C. M. Santos nos falou em entrevista ter sido aluna dela e que ela era uma das responsáveis por ter conhecido e trabalhado no Departamento Nacional da Produção Mineral. Seu trabalho científico mais antigo que conhecemos versava sobre a Paleontologia da Bacia de São José de Itaboraí, que foi publicado em 1953 na *Revista Científica - Universidade do Brasil*, da Faculdade Nacional de Filosofia. Ela também publicou sobre invertebrados fósseis, mas sua produção se consolidou com Paleopalynologia, se especializando em megásporos fósseis. Sabemos que foi fazer um curso nos Estados Unidos (Projeto Ponto 4 da Embaixada Americana em parceria com a Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais), e por lá se casou com um americano, John Wilder, em 1972, passando a viver neste país. Foi no Estados Unidos da América que realizou sua pesquisa de doutoramento, na Universidade do Arizona, intitulado “*Late paleozoic Licopodiaceous megaspores of Brasil*”, sendo orientada pelo paleontólogo Dr. Gherard O. W. Kremp, sendo a última produção científica que temos conhecimento que ela produziu.<sup>32</sup>

Devemos destacar que Nicéa Magessi Trindade, Maria Eugênia de C. M. Santos e Norma Maria da C. Cruz passaram a integrar o quadro da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais na década de 1970. Com relação a Diana Mussa, sabemos que ela se formou posteriormente em Geologia, apesar de não sabermos a instituição, acreditamos que deva ter sido pelo CAGE. Processo que ocorreu provavelmente depois de ter realizado uma temporada em missão religiosa na região amazônica. Ela tornou-se pesquisadora do Departamento Nacional da Produção Mineral, indo mais tarde para o Museu Nacional<sup>33</sup>. Já Lélia Duarte, saiu da instituição para se tornar professora e pesquisadora do Departamento de Biologia Vegetal do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> Carvalho.

<sup>32</sup> Melo, D. J., Cassab, R. C. T. “Nicea Magessi Trindade (1928-2019) uma pioneira da Paleontologia Brasileira.” *Paleontologia em Destaque*, volume especial, *Caderno de Resumos Paleo 2019 RJ/ES 22* (2019) Inprint: s.p.

<sup>33</sup> Bernardes-de-Oliveira, M. “À profa. Diana Mussa (1932-2007), nossa homenagem.” *Notícias* 15 1 (2007): 3-4.

Melo, *História das Mulheres na Ciência: narrativas de paleontólogas (1950-2010) do Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro*.

<sup>34</sup> Lima, F. J., Gallo, V., Marinho, M. M., Bantim, R. A. M., Saraiva, A. Á. F. & Sayão, J. M.. “A contribuição da paleontóloga Lélia Duarte para a coleção de vegetais fósseis do Departamento de Biologia da UERJ.” *Cad. Cul. Ciênc.* 4 2 (2015): 44-53.

Melo, *História das Mulheres na Ciência: narrativas de paleontólogas (1950-2010) do Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro*.

Essas mulheres se destacaram em distintas subáreas da Paleontologia, como na Micropaleontologia - Norma Maria da C. Cruz, com os estudos de quitinozoários e Nicéa M. Trindade, com já mencionado, com Paleopalinologia de megásporos e esporomorfos, sendo ambas discípulas de Friedrich Wilhelm Sommer. Na pesquisa em Paleobotânica destacaram-se Lélia Duarte, Adélia Maria Japiassú e Diana Mussa e na Paleontologia de invertebrados, Maria Eugênia de C. M. Santos, com equinoides e moluscos e Maria Martha Barbosa, com briozoários.

Devemos destacar que a realidade das pesquisas de algumas destas mulheres se alteraram circunstancialmente em 1969, com a criação da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais, quando muitas de nossas pioneiras tiveram que trabalhar com questões distintas do que estavam acostumadas, que era a sistemática de fósseis das coleções, pois passaram também a realizar mapeamentos geológicos de recursos minerais de interesse econômico, como em carvão, ouro e petróleo, assim como as pesquisas em Micropaleontologia. Aspecto que aparentemente as distanciaram das atividades científicas de base que realizavam com Paleontologia, principalmente com sistemática de fósseis. Na Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais tinham que responder primordialmente as demandas dos projetos em desenvolvimento. A grande exceção deste processo foi na Micropaleontologia, que passou a ser fundamental no auxílio dos diversos projetos em desenvolvimento.<sup>35</sup>

Foi neste contexto que Norma Maria da C. Cruz foi convocada para a implementação do Laboratório de Bioestratigrafia da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais, atuando também no Laboratório de Análises Minerais, ambos órgãos pertencentes ao Departamento de Geologia, onde ela desempenhou o cargo de chefia da Divisão de Paleontologia. Resumidamente, Norma Maria da C. Cruz construiu um núcleo estruturado e capacitado para pesquisas paleontológicas na instituição, principalmente em Micropaleontologia. Posteriormente, neste contexto de atuação científica com Micropaleontologia, gostaríamos de mencionar, a atuação de Célia Maria da Silva que trabalhou junto com Norma Maria da C. Cruz em pesquisas e atividades em Micropaleontologia na Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais. Pesquisadora que possui graduação em Biologia e sua dissertação foi com *"Palinologia das Turfeiras de São José dos Campos - São Paulo"*, defendida de 1995 pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo sido orientada por Norma Maria da Costa Cruz.

A trajetória de Maria Eugênia de C. M. Santos foi muito elucidativa para a compreensão das mudanças de atividades da transição do Departamento Nacional da Produção Mineral para a Companhia

---

<sup>35</sup> Melo, D. J. "A profissionalização de Maria Eugenia de Carvalho Marchesini Santos: da Faculdade Nacional de Filosofia à Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais." *História da Ciência e Ensino: construindo interfaces* 12 (2015): 70-85.

Melo, *História das Mulheres na Ciência: narrativas de paleontólogas (1950-2010) do Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro.*

de Pesquisa e Recursos Minerais. Suas primeiras pesquisas, na primeira instituição, versavam sobre equinóides e moluscos fósseis, mas quando passou a trabalhar na Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais, desenvolveu pesquisas sobre Estratigrafia de Carvão e até Geologia Marinha. No entanto, continuou suas atividades científicas com invertebrados marinhos do Cretáceo, desenvolvendo em seu mestrado e doutorado uma metodologia de análise de bacias geológicas, utilizando os fósseis como indicadores temporais e paleoambientais. Sua dissertação foi defendida em 1992, nomeada de “*Análise de bacias e paleobiologia*” e sua tese em 2004 foi intitulada de “*Reconstituições paleobiológicas nas bacias Parnaíba e São Luís*”.

A visão de aplicabilidade das pesquisas na Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais no período da geração dessas mulheres, fez com que muitas delas fizessem seus cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), principalmente o doutorado em momentos distintos em suas vidas profissionais. Algumas mulheres desta geração, como Norma Maria da C. Cruz, Diana Mussa e Lélia Duarte, não realizaram mestrado e cursaram diretamente o doutorado, no caso em Geociências (Geologia Sedimentar) na Universidade de São Paulo. No caso de Norma Maria da C. Cruz, com o professor Josué de Camargo Mendes, entre os anos de 1969 a 1973, defendendo a tese “*Quitinozoários da Cachoeira Vira Mundo, Estado do Pará*”. Já Lélia Duarte foi também orientada pelo mesmo professor e sua tese foi defendida em 1973, com o título “*Flórula da Formação Pirabas Estado do Pará, Brasil*” e Diana Mussa foi orientada pelo Dr. Antonio Carlos Rocha Campos e sua tese se intitula “*Lignitaflores Permianas da Bacia do Paraná, Brasil. (Estado de São Paulo e Santa Catarina)*” e foi defendida em 1982.

Devemos lembrar que este processo ocorreu no período de consolidação dos primeiros programas de Pós-Graduação no Brasil e que não existiam cursos desta área no Rio de Janeiro, o que justificava seu deslocamento para São Paulo para realizarem seus doutorados. Somente depois que o Programa Pós-Graduação em Geologia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro iria se consolidar para oferecer os cursos de mestrado e doutorado. Curso que foi realizado por Maria Eugênia de C. M. Santos e a grande maioria das mulheres que a sucederam na instituição. Desta forma, podemos dizer que contexto similar a Maria Eugênia ocorreu também com as paleontólogas da geração seguinte, mas que diferentemente dela, fizeram seus cursos de mestrado do início de suas carreiras e os de doutorado, no geral, foram realizados no final destas.

Contextualizando a realidade das mulheres na Paleontologia no início na década de 1970, com intuito de abordar mais uma geração de paleontólogas, usamos como parâmetro as publicações do I Simpósio Brasileiro de Paleontologia, realizado no Rio de Janeiro em 1970, mesmo ano da implementação da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais<sup>36</sup>. Notamos neste volume que a realidade das pesquisas

---

<sup>36</sup> Rio de Janeiro. “Simpósio Brasileiro de Paleontologia.” *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 45 suplemento (1971).

em Paleontologia realizadas por mulheres ainda era bem parecida com as apontadas para no momento de criação da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Neste evento, das doze conferências publicadas nos anais do evento, nenhuma foi realizada por mulher e dos 28 trabalhos, apenas oito foram assinados por mulheres, sendo em dois deles coautoras do trabalho. Encontramos basicamente publicações realizadas pelas pioneiras, como Norma Maria da C. Cruz, Nicéa M, Trindade, Lélia Duarte e Adélia Maria Japiassu<sup>37</sup> (Figura 3).



**Figura 3** Foto de diversas mulheres que atuaram na Paleontologia do Departamento nacional da Produção Mineral no Rio de Janeiro, da direita para esquerda: Maria Eugênia de Carvalho Marchesini Santos, Nicéa Magessi Trindade, Lélia Duarte, Adélia Maria Japiassu, Friedrich Wilhelm Sommer (único homem presente na foto), Terezinha Guzzo, secretária da Seção de Paleontologia (nome não identificado), Norma Maria da Costa Cruz, Judite Castro e Carmen Dora.

Fonte: Fotografia do Museu de Ciências da Terra.

Com relação às mulheres paleontólogas que ainda não foram citadas e publicaram neste evento temos a presença de Lélia Bonel Ribas, que assina seu trabalho como sendo do Instituto de Pesquisa da Marinha no Rio de Janeiro e Maria Antonieta da Costa Rodrigues, nessa época professora do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fora do Rio de Janeiro averiguamos a presença de Sheila Maris Gomes da Universidade de Brasília e Luzinete V. O. Ramirez do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Pernambuco.

Ainda com base nesta publicação, as principais subáreas de atuação destas mulheres eram a Paleobotânica e a Micropaleontologia, mas nota-se a presença de estudos com Paleontologia de Invertebrados e de Vertebrados, com um trabalho sobre tetrápodes fósseis (mamíferos). Fato que demonstra que no Brasil as mulheres começavam a ampliar seu escopo de atuação dentro das pesquisas em Paleontologia (Tabela 1).

**Tabela 1:** Publicações de mulheres no I Simpósio Brasileiro de Paleontologia em 1970 (Rio de Janeiro, 1971).

Autores	Instituição	Subárea	Títulos dos artigos
---------	-------------	---------	---------------------

<sup>37</sup> Não temos muitas informações sobre a trajetória desta paleontóloga.

<b>Paleozóico - 3 artigos -1 assinado por mulher</b>			
<b>Norma M. da Cruz</b>	DNPM-RJ	Micropaleontologia	Quitinozóários brasileiros e sua importância estratigráfica
<b>Gondwana - 5 artigos - 1 assinado por mulher</b>			
<b>Nicéa M. Trindade</b>	DNPM-RJ	Paleobotânica	Interligação de floras boreal e austral no Brasil, sugerida por constelações de megásporos
<b>Mesozóico - 8 artigos - 2 assinados por mulheres</b>			
<b>Lélia Duarte; Adélia M. S. Japiassu</b>	DNPM-RJ	Paleobotânica	Vegetais meso e cenozóicos do Brasil
<b>Adélia M. S. Japiassu</b>	DNPM-RJ	Paleobotânica	Madeiras do Mesozóico brasileiro
<b>Cenozóico - 12 artigos e 4 assinados por mulheres</b>			
<b>Luiz E. Moreira; Sheila M. G. de Melo</b>	Universidade de Brasília	Paleontologia de Vertebrados	Mamíferos fósseis em Goiás e Distrito Federal
<b>Geraldo C. B. Muniz; Luzinete V. O. Ramirez</b>	IGEO - UFPE	Paleontologia de Invertebrados	Tufo calcário (tufo) quaternário com moluscos, nos estados da Paraíba e Pernambuco
<b>Lelia Bonel Ribas</b>	Instituto de Pesquisa da Marinha - RJ	Micropaleontologia	Nota preliminar sobre a composição qualitativa da fauna de foraminíferos da plataforma de bancos submarinos ao largo da costa leste brasileira
<b>Maria Antonieta Rodrigues</b>	IGEO-RJ	Micropaleontologia	Foraminíferos recentes da ilha de Trindade

A paleontóloga que consideramos para marcar uma nova geração, conforme Melo<sup>38</sup>, não se encontrava representada nesta publicação, mas atuou de forma similar à carreira de Maria Eugênia Marchesini Santos. Sabemos que Marise Sardenberg de Carvalho, foi a primeira mulher a realizar pesquisas em Paleoiictologia no Brasil, começou sua carreira no Departamento Nacional da Produção Mineral como estagiária de Rubens da Silva Santos, posteriormente foi contratada pela instituição e se efetivou na Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, onde atuou em várias atividades de pesquisa em outras áreas das Geociências. Essas duas pesquisadoras citadas, mesmo pertencendo ao quadro da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, realizavam diversas atividades junto às coleções paleontológicas do Departamento Nacional da Produção Mineral e ambas se especializando no período Cretáceo.

Marise Sardenberg de Carvalho, em nosso ponto de vista, marcou a transição para uma nova geração de mulheres que atuaram nas coleções do Departamento Nacional da Produção Mineral, por ter entrado na instituição um pouco mais tarde do que a geração de paleontólogas já citadas. Também devemos evidenciar, que apesar de sua graduação ter sido em História Natural, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ela pegou a transição entre esta graduação e a criação do curso de Ciências Biológicas, sendo este um importante marco histórico em nosso ponto de vista. Ela assim iniciou uma

<sup>38</sup> Melo, *História das Mulheres na Ciência: narrativas de paleontólogas (1950-2010) do Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro.*

geração de paleontólogas que se formaram em diferentes instituições, públicas e privadas, e em distintos cursos, como Ciências Biológicas e Geologia.

No Departamento Nacional da Produção Mineral temos nesta segunda geração de mulheres paleontólogas a entrada de Vera Maria Medina da Fonseca, Rita de Cassia Tardin Cassab, Déa Regina Bouret Campos e Lúcia Montilla Mayer. As três primeiras especializadas em invertebrados fósseis e a última em Paleobotânica. Destas pesquisadoras nota-se um destaque para os estudos dos invertebrados marinhos, como Vera Maria M. da Fonseca, que dedicou sua carreira aos estudos dos braquiópodos do Paleozoico, Rita de Cássia T. Cassab, aos moluscos do Cretáceo e Déa Regina B. Campos com moluscos do Cenozoico. Já Lúcia M. Mayer estudava lenhos fósseis do Paleozoico (Figuras 4 e 5).



**Figura 4: Paleontólogas do Departamento Nacional da Produção Mineral e CPRM nas comemorações do Dia do Paleontólogo (Petrobrás-RJ, década de 2000). Primeiro plano Maria Eugênia de C. M. Santos, da direita para esquerda: Vera Maria M. da Fonseca, mulher não identificada, Marise S. S. de Carvalho, Rita de Cássia T. Cassab, Deusana Maria da Costa Machado (professora da UNIRIO) e Fernanda Sivieiro (orientanda da Vera Maria M. da Fonseca). Fonte: Fotografia pessoal de Rita de Cássia T. Cassab.**



**Figura 5: Paleontólogas na Seção de Paleontologia do Departamento Nacional da Produção Mineral no Rio de Janeiro. Da direita para esquerda: Vera Maria Medina da Fonseca, Maria da Glória Pires de Carvalho, Dea Regina Bouret Campos, Rita de Cássia Tardin Cassab. Fonte: Fotografia pessoal de Rita de Cássia T. Cassab.**

Nesta nova geração, encontramos paleontólogas formadas em cursos de Ciências Biológicas, como Vera Maria M. da Fonseca, que se formou na Universidade Santa Úrsula. Já Déa Regina B. Campos e Rita de Cássia T. Cassab se formaram em História Natural, na Universidade Santa Úrsula e na Universidade Gama Filho, respectivamente. Todas instituições de ensino superior privado. Lucia M. Mayer



estudou Geologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Consequentemente, com a efetivação dos cursos de Ciências Biológicas podemos compreender que nesta geração ocorreu uma maior ênfase nas questões biológicas, que em nosso ponto de vista, foi um elemento marcante para essa geração, que desenvolveram além de pesquisas com sistemática, introduziram diversos aspectos referentes a Paleobiologia em suas pesquisas.

Com relação a formação de pós-graduação desta geração de paleontólogas, todas fizeram seus mestrados em Geologia no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como anteriormente apontado, e as que realizaram doutorado, o fizeram na mesma instituição. Marise S. S. de Carvalho, defendeu seu mestrado em 1976, intitulado “O gênero *Mawsonia* na ictiofáunula do Cretáceo do estado da Bahia” e seu doutorado foi defendido em 2002 como o título “O gênero *Mawsonia* (*Sarcopterygii*, *Actinistia*) no Cretáceo das bacias Sanfranciscanas, Tucano, Araripe, Parnaíba e São Luís”, sendo orientada pelo Dr. Rubens da Silva Santos no mestrado e no doutorado com os professores doutores John Maisey (paleontólogo do *American Museum* de Nova Iorque) e Ismar de Souza Carvalho. Vera Maria M. da Fonseca defendeu seu mestrado em 1991, nominado de “*Braquiópodes da ordem Strophomenida da Formação Itaituba, Carbonífero da Bacia do Amazonas*” e seu doutorado em 2001, intitulado “*Brachiopoda (Strophomenoidea, Chonetioidea e Delthyridoidea) do Devoniano Médio das Bacias do Amazonas e Parnaíba*”, sendo orientada respectivamente pelos doutores Josué de Camargo Mendes e Antonio Carlos Sequeira Fernandes. Já Rita de Cassia Tardin Cassab, defendeu seu mestrado em 1978, que se intitulava “*Revisão da Superfamília Cerithioidea da Formação Maria Farinha, Paleoceno de Pernambuco (Mollusca – Gastropoda)*” e seu doutorado foi concluído em 2003, nominado de “*Paleontologia da Formação Jandaíra, Cretáceo Superior da Bacia Potiguar, com ênfase na Paleontologia de gastrópodos*”, tendo sido orientada respectivamente pelos doutores Cândido Simões Ferreira e Ismar de Souza Carvalho<sup>39</sup>. Por fim, Déa Regina B. Campos que defendeu seu mestrado em 1973, intitulado “*Família Arcidae (Molusca, Bivalvia) da Formação Pirabas, Mioceno Inferior do Norte do Brasil*” e Lúcia M. Mayer, que defendeu seu mestrado em 1989, intitulado “*Taofloras lenhosas das sequências sedimentares da Formação Rio Bonito (Permiano)*”. Essas duas paleontólogas não realizaram curso de doutorado e seus mestrados foram orientados pelos doutores Cândido Simões Ferreira e Friedrich Wilhelm Sommer.<sup>40</sup>

Devemos aqui também comentar que houve duas mulheres que sucederam essas paleontólogas no Departamento Nacional da Produção Mineral do Rio de Janeiro, tendo sido concursadas em 2006. São elas, Márcia Aparecida Reis Polck, que fez concurso para o Rio de Janeiro e Irma Tie Yamamoto, que se

---

<sup>39</sup> Esta paleontóloga teve outros orientadores, mas que não puderam se formalizar junto ao Programa de Pós-Graduação em Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, logo seus nomes não constam em sua tese e são eles Maria Eugênia Marchesini Santos e Narendra Kumar Srivastava.

<sup>40</sup> Mas detalhes sobre as produções acadêmicas destas paleontólogas podem ser encontrados nas tabelas da tese de Melo (2020).

concurso para Brasília (Distrito Federal), mas se transferiu para o Rio de Janeiro e passou um tempo trabalhando como paleontóloga nas repartições desta instituição na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente no Museu de Ciências da Terra.

Márcia Aparecida R. Polck com relação a sua formação, é bióloga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e seu mestrado, assim como as suas antecessoras, foi em Geologia no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida no ano de 2000 e tendo como título “*Revisão de Tribobus limae Brito & Ferreira, 1989 (Elasmobranchii: Hybodontidae)*”. Já o seu doutorado foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Análise de Bacias da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sendo defendido em 2005, com o título “*Utilização da palobiota da Formação Marizal, Cretáceo Inferior (Aptiano) da Bacia Tucano, na correlação com outras bacias cretáceas do Nordeste do Brasil*”. Com relação a Irma T. Yamamoto, sua formação acadêmica não ocorreu no Rio de Janeiro, sendo ela graduada em Geologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro. Seu mestrado foi realizado na mesma universidade, sendo defendido em 1996, com o título “*Palinologia das bacias tafrogênicas do Sudeste (Bacias de Taubaté, São Paulo e Resende): análise bioestratigráfica integrada e interpretação paleoambiental*”.

#### **CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PALEONTÓLOGAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Neste trecho do trabalho gostaríamos de apresentar outras mulheres que atuaram na Paleontologia no Rio de Janeiro, principalmente ressaltando as da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apesar de reconhecermos que ainda não temos muitos levantamentos históricos sobre elas, mas achamos importante a suas nomeações e conseqüentemente seus reconhecimentos nesse processo histórico de profissionalização feminina da Paleontologia.

Devemos destacar que a Universidade Federal do Rio de Janeiro em sua estrutura institucional possui dois pontos que se constituíram historicamente como locais onde se desenvolveram as pesquisas paleontológicas, sendo eles o Museu Nacional, com seu Departamento de Geologia e Paleontologia e o Departamento de Geologia do Instituto de Geociências. Ambos com programas de pós-graduações que vem formando muitos paleontólogos em seus mestrados e doutorados.

A Paleontologia do Museu Nacional, como já mencionado, tem sua origem no período imperial com a Comissão Geológica do Império, que com a sua estruturação organizacional se constitui no que conhecemos hoje como o Departamento de Geologia e Paleontologia. Justamente neste local que encontramos a atuação de algumas mulheres pioneiras como Maria Martha Barbosa, provavelmente a primeira mulher paleontóloga a atuar na instituição e Diana Mussa, como já abordado, iniciou no Departamento Nacional da Produção Mineral. Temos pouca informação sobre a trajetória acadêmica de Maria Martha Barbosa a não ser por diversos trabalhos sobre invertebrados fósseis, principalmente

briozoários. Fernandes *et al.*<sup>41</sup> a considera como pertencente a geração de paleontólogos que atuaram no Museu Nacional entre as décadas de 1940 e 1980, junto com nomes: como Emmanoel Azevedo Martins, Antonio Carlos Magalhães Macedo e Cândido Simões Ferreira, especialistas e invertebrados fósseis; Nei Vidal, Fausto Luiz de Souza Cunha e Carlos de Paula Couto, especialistas em mamíferos fósseis; e na Paleobotânica, José Henrique Millan.

Ainda com relação a atuação profissional de paleontólogas no Museu Nacional, conseguimos ainda nos referir a outras mulheres, como Deise Dias Rêgo Henrique, que foi estagiária do professor Fausto Luiz de Souza Cunha, que acabou se tornando técnica da Divisão de Geologia e Paleontologia e atuou em pesquisas com mamíferos fósseis, Paleopatologia e Tafonomia. Da mesma geração de Deise, e que atuaram como estagiárias que trabalharam com o professor Fausto Luiz de S. Cunha, se destacam outras mulheres, como Lilian Paglarelli Bergqvist, que se tornou professora do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando principalmente com pesquisas sobre mamíferos fósseis. Temos também referências das atividades de Marcia Gomide da Silva Mello, que se especializou em Paleopatologia e hoje é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro na Faculdade de Medicina, mas aparentemente não está mais atuando com Paleontologia. Temos também a paleontóloga Rosa Maria Mendonça de Magalhães, que estudou cervídeos fósseis e restos de peixes em sambaquis.

Posteriormente, na primeira década do ano 2000, podemos destacar a efetivação da técnica em Paleontologia Luciana de Carvalho Barbosa, que se especializou em Paleoherpétologia do Mesozoico, com pesquisas sobre répteis marinhos. No Museu Nacional, temos também a atuação de Vera Maria da F. Medina, que saiu do Departamento Nacional da Produção Mineral e foi para o Museu Nacional. Cabe destacar, que Melo<sup>42</sup> mencionou que seu processo de mudança institucional provavelmente foi em decorrência da precariedade que a instituição vinha sofrendo, inclusive com relação a desvalorização salarial.

Sobre a formação acadêmicas destas mulheres, sabemos que Deise D. R. Henriques é bióloga pela Faculdade de Humanidades Pedro II e realizou seu mestrado em Zoologia no Museu Nacional, com a dissertação “Os fósseis de *Lestodon Gervais, 1855 (Edentata, Mylodontidae) da Coleção de Paleovertebrados do Museu Nacional/UFRJ. Estudo morfológico e comparativo*”, que foi defendida em 1992. Seu doutorado foi bem posterior, em 2006, no mesmo programa de pós-graduação, com o título “*Sítio Fossilífero de Pirapozinho: estudo de aspectos tafonômicos através da análise básica e do exame de tomografia computadorizada*”. Lilian P. Bergqvist, assim como Deise, realizou sua graduação em Biologia na Faculdade de Humanidades Pedro II, depois realizou seu mestrado em Zoologia no Museu

<sup>41</sup> Fernandes, A. C. S., Fonseca, V. M. M. da, Henriques D. D. R. “Histórico da Paleontologia no Museu Nacional.” *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ* 30 1 9 (2007): 194-196.

<sup>42</sup> Melo, *História das Mulheres na Ciência: narrativas de paleontólogas (1950-2010) do Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro.*

Nacional, defendendo sua dissertação em 1989, sob o título “*Mamíferos pleistocênicos do estado da Paraíba, depositados no Museu Nacional, Rio de Janeiro*”. Seu doutorado foi defendido na mesma instituição no ano de 1996, com o título “*Reassociação do pós-crânio às espécies de ungulados da bacia de S. J. de Itaboraí (Paleoceno), estado do Rio de Janeiro, e filogenia dos Condylathra e ungulados sul-americanos com base no pós-crânio*”. Marcia G. da S. Mello também era bióloga, mas pela Federação das Faculdades Celso Lisboa. Ela defendeu seu mestrado em Zoologia no Museu Nacional em 1990, com o título “*Estudo de Mamíferos Quaternários de Itapipoca, CE, depositados no Museu Nacional do Rio de Janeiro/UFRJ*” e seu doutoramento foi em Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), defendido em 1999 com o título “*Sistematização de critérios para diagnóstico diferencial entre paleopatologias e sinais de alterações análogas: fundamentos teórico-metodológicos*”. Já Rosa Maria M. de Magalhães foi uma paleontóloga que parou sua carreira acadêmica em decorrência de um acidente que a deixou tetraplégica, mas mesmo com suas dificuldades motoras, conseguiu terminar seu mestrado em andamento no período do acidente, que foi defendido em 1987 com o título “*Os cérvidas quaternários das regiões nordeste, sudeste e sul do Brasil (Cervidae, Odocoileinae)*”.

Todas as quatro paleontólogas citadas acima foram orientadas em seus mestrados pelo professor Fausto Luiz de S. Cunha e representam uma geração de mulheres, biólogas, que adentraram como estagiárias no Museu Nacional e que iniciaram suas carreiras pesquisando mamíferos fósseis. Elas também demonstram uma geração de mulheres formada essencialmente em Biologia e que seguiram suas carreiras paleontológicas nessa vertente, se pós-graduando em Zoologia ao invés de Geologia.

Por fim, devemos mencionar a trajetória de Luciana de C. Barbosa, que pertence a outra geração de mulheres, que começaram a atuar com Paleoherpetologia. Ela é graduada em Biologia pela Universidade Gama Filho e seu mestrado e doutorado foram realizados também no Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Museu Nacional. Tendo sua dissertação defendida no ano de 1996, com o título “*A ocorrência de lagartos marinhos (Mosasauridae: Lepidosauria) e sua associação faunística na Bacia Pernambuco-Paraíba, Nordeste do Brasil*”. Já seu doutorado foi concluído em 2007, intitulado “*Análise de estruturas intracranianas em Mariliasuchus (Crocodyliformes, Notosuchia) do Cretáceo brasileiro*”, dedicando se assim aos répteis do Cretáceo.

Com relação ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, podem ser consideradas como parte da primeira geração de mulheres paleontólogas, como as apresentadas no item anterior, Maria Antonieta da Conceição Rodrigues, que se graduou em Geologia em 1968 na recém-criada Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inicialmente, foi professora desta instituição, trabalhando com Micropaleontologia (foraminíferos), e depois, tornou-se professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Também devemos lembrar da atuação de Maria da Glória Pires de Carvalho, que pesquisou foraminíferos e trilobitas, e Lélia Bonel Ribas, que realizou pesquisas com foraminíferos. Posteriormente

passaram a atuar neste instituto, Maria Dolores Wanderley e Claudia Gutterres Vilela, ambas biólogas, desenvolvendo pesquisas em Micropaleontologia, em nanofósseis e foraminíferos, respectivamente.

Maria Antonieta da C. Rodrigues foi uma das primeiras e poucas mulheres formadas em Geologia que dedicaram sua carreira com Paleontologia. Sua dissertação foi com Micropaleontologia e foi defendida no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1971, com o título *“Foraminíferos dos Sedimentos Recentes da Ilha de Fernando de Noronha”*. Seu doutorado foi realizado em Geociências na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a tese *“Interpretação paleoambiental da sequência pós-evaporítica da porção Sul da Bacia do Espírito Santo-ES-Brasil”*, defendida no ano de 1981. Maria da Glória Pires de Carvalho é formada em História Natural pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e seu mestrado e doutorado foram realizados no instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foram defendidos respectivamente nos anos de 1977 e 1995, sendo intitulados *“Análise de foraminíferos dos testemunhos da plataforma continental sul do Brasil”* e *“Trilobitas devonianos da Bacia do Parnaíba (Formações Pimenteira, Cabeças e Longá)”*. Sabemos pouco sobre a trajetória acadêmica de Lélia Bonel Ribas, mas temos a informação que defendeu seu mestrado em 1973, também no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nominada como *“Contribuição ao conhecimento dos foraminíferos de sedimentos recentes da plataforma continental do Estado do Rio de Janeiro: Enseada dos Anjos e adjacências - Cabo Frio”*.

Sabemos que Maria Dolores Wanderley é bióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e seu mestrado e doutorado foi em Geologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendidos respectivamente em 1986 e 1996. Os títulos de sua dissertação e tese são *“Estudo de uma seção cretácica da Bacia Potiguar com base em nanofósseis calcários”* e *“Inferências paleoambientais e bioestratigráficas da Formação Jandaíra - Bacia Potiguar”*. Com relação a Claudia G. Vilela, não sabemos sua graduação, mas acreditamos que também foi em Biologia. Seu mestrado e doutorado foram, assim como a maioria das mulheres aqui apresentadas, realizado em Geologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo o mestrado defendido em 1993, com o título *“Ecologia e Paleoecologia dos foraminíferos bentônicos do Quaternário do delta do Rio Amazonas, Brasil”*, e o doutorado em 1998, intitulado *“Foraminíferos quaternários da plataforma continental norte brasileira e do Leque do Amazonas: datação e aspectos de distribuição em eventos de transporte de massa”*.

Devemos antes de encerrar este item, lembrar que apesar de termos feito um esforço para realizarmos um panorama das mulheres que atuaram com Paleontologia no Rio de Janeiro, sabemos que muitas não foram descritas e apresentadas neste trabalho, do qual demos ênfase nesse eixo temático entre Departamento Nacional da Produção Mineral e Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desta forma, temos noção que existem outras que atuaram em distintas instituições com na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado

do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal Fluminense e a própria Petrobrás, além de não termos citado diversas estudantes que fizeram suas teses e dissertações sobre Paleontologia nesse estado, mas que atuaram em outras localidades ou até em casos que não seguiram carreira na área. Lembramos assim que nosso intuito principal foi o de demonstrar como esse processo histórico se sucedeu, por este motivo que foi escolhido esse eixo, por considerarmos serem as instituições pioneiras no estado e do país a trabalharem com Paleontologia.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que vivemos em uma sociedade machista e que a Ciência reproduz esse processo de maneira ampla e cruel e que só nos dias atuais as mulheres começaram a disputar com maior equidade o mercado profissional especializado em Ciência. No entanto, devemos e sabemos que evidenciar e valorizar a atuação de diferentes gêneros em contextos de produção de conhecimento, gerado por lugares de fala distintos, oriundo de diferentes reivindicações e contextos sociais, nos possibilitam novos olhares e novas formas de pensar, que contribuem plenamente para o desenvolvimento científico.

Desta maneira, realizar estudos históricos sobre Ciência e gênero/mulheres, constitui-se como um exercício político de evidenciar que existiram mulheres fazendo Ciência ao longo de nossa história. Suas contribuições foram efetivas e devem se fazer presente nos contextos historiográficos, que muitas vezes tendem apenas a glorificar e evidenciar a atuação masculina, rompendo com a concepção de que Ciência não é feita só por grandes nomes e sim por diversos agentes sociais, que devem ser atrelados aos seus contextos culturais, sociais e econômicos.

Desta forma, este trabalho buscou evidenciar a inserção e atuação de paleontólogas profissionais, que começaram a atuar no Rio de Janeiro após a segunda metade do século XX. Demonstrando como foi a inserção das pioneiras nessa área e apresentando um panorama sobre quem foram essas profissionais. Desta forma, o trabalho desvela um pouco, como se deu o processo de inserção destas mulheres nestes contextos profissionais, evidenciando o quanto a Ciência segrega e divide seus espaços. Vimos que foi preciso antes de tudo o acesso ao nível superior e posteriormente a abertura e aceitação no mercado de trabalho, no caso, as instituições científicas. Assim sabemos que nossas paleontólogas conseguiam inicialmente manter seus vínculos com as instituições por meio de bolsas, logo encontrando brechas que possibilitaram seus processos de efetivação. Aspecto que abriu espaço, visibilidade e representação para as gerações que as sucederam.

Devemos destacar, que as paleontólogas estudadas divergiam profundamente da geração de Carlotta Joaquina Maury, que eram de mulheres abastadas que normalmente precisavam que um homem cerceasse suas carreiras. Diferentemente, as paleontólogas apresentadas eram, no geral, mulheres de classe média e sem grandes contatos acadêmicos em suas famílias. Também não podemos deixar

desapercebido, que a maioria das mulheres aqui apresentadas podem ser identificadas socialmente como mulheres brancas de classe média e que, apesar de falarmos de conquistas femininas nos espaços acadêmicos, não podemos deixar de frisar que muitas conquistas ainda devem ser estabelecidas, como a inserção de mulheres e homens negros na Ciência, processo que ainda consideramos incipiente dentre muitas outras reivindicações.

**SOBRE OS AUTORES:**

Diogo Jorge de Melo

Professor do Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará

[diogojmelo@gmail.com](mailto:diogojmelo@gmail.com)

Rita de Cassia Tardin Cassab

Paleontóloga aposentada do Departamento Nacional da Produção Mineral atual Agência Nacional de Mineração

[rcassab@gmail.com](mailto:rcassab@gmail.com)

**Artigo recebido em 06 de setembro de 2020**  
**Aceito para publicação em 04 de dezembro de 2020**